

A ORIGEM DOS PRESBÍTEROS-EPÍSCOPOS NA IGREJA DO NOVO TESTAMENTO (II)

Antonio José de Almeida

4. Tentando reconstituir a origem dos presbíteros- epíscopos no Novo Testamento

Evidentemente, não é fácil, a partir dos dados até aqui levantados¹, reconstruir a trajetória da origem dos presbíteros-epíscopos no Novo Testamento². Sem esses dados, porém, esta tarefa seria impossível ou, facilmente cairia em simplificações ou distorções.

Nossa hipótese de reconstituição dessa trajetória percorrerá as quatro etapas da reconstituição histórica do conjunto dos ministérios atestados pelo Novo Testamento, proposta na seção anterior, destacando o que interessa, neste amplo e complexo universo, ao ministério dos presbíteros-epíscopos.

¹ Cf. A.J. de ALMEIDA, "A origem dos presbíteros-epíscopos na Igreja do Novo Testamento" (I), *Perspectiva Teológica* 32 (2000) 329-362.

² J.-M. ROGER TILLARD, "As diversas faces do episcopado", in M.F. DOS ANJOS (org.), *Bispos para a esperança do mundo: Uma leitura crítica sobre os caminhos da Igreja*, São Paulo, 2000, p. 75: "Não há nada mais difícil de determinar com certeza do que a origem do episcopado. Isso explica as diversas formas que o ministério adquiriu ao longo da história e vem adquirindo nas confissões cristãs que o conservaram ou que o estão redescobrimdo".

4.1. O ministério público de Jesus

É conhecida a doutrina católica a respeito da origem do ministério episcopal, como podemos encontrá-la, por exemplo, no Concílio Vaticano II: "... Jesus Cristo, Pastor Eterno, fundou a santa Igreja, enviando os Apóstolos, assim como Ele mesmo fora enviado pelo Pai (cf. Jo 20,21). E quis que os sucessores dos Apóstolos, isto é, os Bispos, fossem em Sua Igreja Pastores até à consumação dos séculos (...). O Senhor Jesus, depois de ter rezado ao Pai, chamando Ele mesmo a Si os que quis, constituiu doze para que ficassem Consigo e para enviá-los a pregar o Reino de Deus (cf. Mc 3,13-19; Mt 10,1-42). Estes Apóstolos (cf. Lc 6,13) instituiu-os à maneira de colégio ou grupo estável, ao qual prepôs Pedro escolhido entre os mesmos (cf. Jo 21,15-17). Enviou-os primeiro aos filhos de Israel e depois a todos os povos (cf. Rm 1,16), para que, partícipes do Seu poder, fizessem discípulos Seus entre todos os povos, santificando-os e governando-os (cf. Mt 28,16-20; Mc 16,15; Lc 24,45-48; Jo 20,21-23), propagando desta forma a Igreja; e, guiados pelo Senhor, a apascentassem como ministros, todos os dias, até à consumação dos séculos (cf. Mt 28,20). Nesta missão foram plenamente confirmados no dia de Pentecostes (cf. At 2,1-26) segundo a promessa do Senhor: "Recebereis a virtude do Espírito Santo que descera sobre vós e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia, na Samaria e até os extremos da terra" (Cf. At 1,8). E os Apóstolos, pregando por toda parte o Evangelho (cf. Mc 16,20) aceito pelos ouvintes por obra do Espírito Santo, congregam a Igreja universal, que o Senhor fundou nos Apóstolos e edificou sobre o bem-aventurado Pedro, seu príncipe, sendo a pedra angular o próprio Cristo Jesus (cf. Ap 21,14; Mt 16,18; Ef 2,20)"³.

O texto acima, que repete a velha fórmula segundo a qual os bispos são os sucessores dos apóstolos⁴, suscita uma série de questionamentos:

³ *Lumen Gentium* 18-19; cf. *Christus Dominus* 2.

⁴ R.E. BROWN, ilustrando a dificuldade exegética de verificar a relação do episcopado com a função dos apóstolos, relata o seguinte episódio autobiográfico: "A necessidade de comprovar com mais profundidade a existência de dados neotestamentários relativos à relação entre bispos e apóstolos surgiu para mim da observação de um destacado estudioso protestante que estava comentando os documentos do Vaticano II. Ele me perguntou onde estavam os exegetas quando a *Lumen Gentium* 18 e o *Decreto sobre o ofício pastoral dos bispos* 2 foram elaborados, posto que estes documentos repetiam, sem base sólida, o velho ditado de que os bispos são os sucessores dos apóstolos. Naturalmente, ele não queria dizer que o Vaticano II deveria contradizer aquele ditado, mas, como atentas reflexões bíblicas estavam por trás de muitas afirmações do Concílio, ele se admirava ante a evidência de que, ao fazer essa afirmação, ninguém tivesse desconfiado das dificuldades bíblicas que suscitariam. Exegeta nenhum pode ler algo a respeito sem se fazer a óbvia pergunta que não é mencionada nos documentos do Vaticano II: que tipo de apóstolo? Houve uma discussão durante o Vaticano II para determinar se os bispos sucederam ao "colégio dos apóstolos" ou aos apóstolos individualmente considerados, mas a questão do ponto de vista exegético é muito mais radical": R. E. BROWN, *Sacerdote e bispo: Reflexões bíblicas*, São Paulo, 1987, p. 52.

se Jesus realmente convocou, e com qual significado e finalidade, um grupo de discípulos; se Jesus formou e enviou os Doze ainda durante o seu ministério público; se os Doze eram apóstolos; se, entre os Doze, Pedro recebeu uma atribuição particular; e, complexivamente, se e em que medida Jesus fundou a Igreja⁵.

4.1.1. Os discípulos e as discípulas

É um dado inegável da tradição evangélica a apresentação de Jesus como “mestre”. E não é fácil explicar a atribuição deste título a Jesus como efeito da retroprojeção da fé cristã, por parte da comunidade primitiva, uma vez que, depois da Páscoa, Jesus deixou de ser apenas “mestre”, para ser considerado Senhor. Na verdade, na origem da tradição sobre Jesus “mestre” acha-se um dado histórico autêntico sobre Jesus, que efetivamente *ensina* nos mais diversos ambientes e situações⁶. Correlativamente, outro elemento igualmente sólido da tradição evangélica é o fato de Jesus exercer um ministério itinerante na Galiléia e na Judéia seguido por um grupo de “discípulos”⁷.

Alguns traços *caracterizam* claramente os discípulos de Jesus⁸: é Ele quem, com uma ordem, toma a iniciativa de chamá-los⁹; eles se reúnem à sua volta para compartilhar a sua missão num relacionamento singular com ele¹⁰; os discípulos de Jesus são associados à sua missão de anunciador do reino de Deus em favor das “ovelhas perdidas da casa de Israel”¹¹; a relação mestre-discípulo é permanente e implica participação irreversível do discípulo no destino do mestre¹²; Jesus exige dos discípulos uma adesão incondicional, só comparável ao estatuto religioso dos membros do povo de Deus chamados a seguir a Deus de coração íntegro¹³; os discípulos são chamados a participar plenamente no destino de perse-

⁵ A. DESCAMPS, “Aux origines du ministère. La pensée de Jésus”(suite et fin), *Revue Théologique de Louvain* 2 / n° 1 (1971) 3: “S’interroger sur les toutes premières origines du ministère chrétien, c’est se demander ce qui, dans la pensée de Jésus, annonce l’idée d’Église gouvernée par des véritables chefs: des hommes établis dans une condition originale, différente de celle des autres membres du Royaume, comportant l’exercice d’une mission définie”.

⁶ Nas sinagogas: Mt 4,23; 9,35; 13,54; Mc 1,21; 6,2; Lc 4,15; 6,6; 13,10; Jo 6,59; no templo: Lc 19,47; 20,1; 21,37 (Mt 26,55; Mc 14,49); Jo 7,14.28; 8,20; 18,20; ao ar livre: Mc 4,1; Lc 5,3; 13,22; discute com mestres e dirigentes judeus: Mc 8,11; 12,28 par.

⁷ O termo “discípulos” ocorre 264 vezes no Novo Testamento: 234 nos Evangelhos (156 vezes nos sinóticos, 78 em João) e 30 nos Atos dos Apóstolos; nenhuma nos demais livros.

⁸ Cf. A. DESCAMPS, “Aux origines ...”, *Op. cit.*, pp. 12-42; R. FABRIS, *Jesus de Nazaré — História e interpretação*, São Paulo, 1988, pp. 133-141; G. LEONARDI, “Apóstol/discípulo”, in P. ROSSANO, G. RAVASI, A. GIRLANDA (ed.), *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica*, Madrid, 1990, pp. 153-162.

⁹ Cf. Mc 1,16-20 par.; 2,14 par. etc.

¹⁰ Cf. Mc 1,17: “farei de vós pescadores de homens”.

¹¹ Mt 10,6; cf. Mc 6,6-13 par.; Lc 10,1-16

¹² Cf. Mt 10,24; Jo 13,16.

¹³ Cf. Mt 8,18-22; Lc 9,57-62; Mt 10,37-39; Lc 14,26-27

guido de Jesus, como consequência lógica da relação pessoal e irreversível que a vocação fundamenta¹⁴.

Embora nos sejam mais conhecidos os Doze¹⁵, o círculo de discípulos de Jesus certamente foi mais amplo: “algumas notas ocasionais dos evangelhos dão a impressão de que, a par do núcleo qualificado e representativo dos Doze, havia um círculo mais amplo e flutuante... (cf. Jo 6,60-66; Lc 10,1; At 1,21-23)”¹⁶.

Entre estes, a tradição evangélica atesta a presença de um grupo de *mulheres*. A sua presença no grupo itinerante de Jesus é mencionada explicitamente por Lc 8,1-3: “Ele ia pelas cidades e aldeias, pregando e anunciando a boa notícia do reino de Deus. Estavam com ele os Doze e algumas mulheres (...) e muitas outras que o assistiam com seus bens” (cf. Lc 23,49.55; 24,10.22). Entre as mulheres que estão presentes à crucificação e sepultamento de Jesus e vão ao túmulo no primeiro dia da semana, são lembradas: Maria de Mágdala, Maria, mãe de Tiago e José, a mãe dos filhos de Zebedeu (cf. Mt 27,55.61; 28,1par.; Mc 15,40-41; Mc 16,1); segundo João, também a mãe de Jesus e sua irmã, Maria de Cléofas, estão junto à cruz (Jo 19,25). Apesar de o Novo Testamento só empregar o termo “discípula” uma única vez, em At 9,36, vários textos as caracterizam como tais: “*Elas seguiam e serviam a Jesus quando estava na Galiléia. Havia também muitas outras que tinham subido com ele a Jerusalém*” (Mc 15,40s); “*estavam com ele e os Doze algumas mulheres...*” (Lc 8,2). Assim como Pedro aparece em primeiro lugar na lista dos Doze, nas listas de mulheres nos evangelhos, Maria de Mágdala é sempre mencionada em primeiro lugar (cf. Mc 15,40par.; 16,1 par.; Lc 8,2; 24,10); a única exceção é Jo 19,25, que a coloca em último lugar, obedecendo talvez ao princípio do grau de parentesco¹⁷. O fato de ser mencionada em primeiro lugar

¹⁴ Cf. Mc 8,34-36 par.; Jo 12,25-26.

¹⁵ Cf. J. GNILKA, *Jesus de Nazaré: Mensagem e história*, Petrópolis, 2000, p. 174: “O mais conhecido grupo de discípulos de Jesus é o grupo dos Doze”.

¹⁶ R. FABRIS, *Jesus de Nazaré ...*, Op. cit., p. 140; “Il movimento di Gesù, oltre ai ‘Dodici’ comprendeva certo anche molti altri: le donne che lo accompagnavano e lo assistevano, i discepoli e i simpatizzanti, tra cui certamente i molti ‘beneficati’ dalla sua attività taumaturgica ed esorcistica. Ma, data la sua pretesa di raccogliere intorno a se e creare il nuovo Israele di Dio, rimase un movimento di rinnovamento escatologico in mezzo al popolo, senza creare un nuovo gruppo socio-religioso. Le indicazioni su quella che sarà la futura comunità cristiana sono piuttosto vaghe, a parte la promessa a Pietro (Mt 16,17-19) e quella al gruppo apostolico (Mt 18,18), che già orientano alla Chiesa; anzi, a livello di redazione, già la presuppongono. Quello che è chiaro comunque è la volontà di Gesù: il suo movimento escatologico, che annuncia e porta il Regno di Dio, non si conclude con la sua morte o con un suo prossimo ritorno come Figlio dell’uomo. Dovrà continuare ad espandersi ed abbracciare perfino i pagani; ma solo dopo la sua morte e risurrezione, cf. la dimostrazione convincente di J. Jeremias (*Jesus et les païens*, Neuchâtel-Paris 1956)”. G. SEGALLA, *Panorama storico del Nuovo Testamento*, Brescia, 1996, 4ª edição, p. 128.

¹⁷ Cf. M. HENGEL, “Maria Magdalena und die Frauen als Zeugen: Abraham unser Vater”, in *Festschrift O. Michel* = AGSU, 5, Leiden, 1963, pp. 243-256; aqui, p. 250.

demonstra sua posição de liderança: “seu prestígio nas comunidades deve-se ao fato de ela, com outras mulheres, ter estado sob a cruz e de com toda probabilidade ter sido ela quem teve a primeira aparição do Senhor ressuscitado (cf. Jo 20,11-18; Lc 24,22s; Mt 28,9s). Desta forma, Maria Madalena era uma testemunha extraordinariamente importante da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus”¹⁸.

4.1.2. Os Doze

Embora disperso, dividido e pecador¹⁹, Israel é para Jesus o povo da aliança e da promessa; não há de ser reestruturado, mas renovado, reunido e restabelecido em sua identidade original de povo de Deus. Israel em seu conjunto é o primeiro destinatário da pregação de Jesus²⁰. É justamente neste contexto e neste sentido, não exclusivo, mas primeiro e fundamental, que deve ser entendido o grupo dos Doze²¹.

Apesar da opinião de alguns²², provavelmente vítimas de sua opção querigmática²³, a origem pré-pascal dos Doze é dificilmente contestável: “sua constituição representa um gesto profético que simboliza a “pretensão” de Jesus de restabelecer Israel em sua identidade, ao mesmo tempo original e escatológica, de povo das doze tribos; e a presença dos “Doze” em torno de Jesus, bem como a missão que este lhes confia, atesta que a reunião de Israel inaugura-se já em sua pregação e em suas obras”²⁴. Os Doze em torno a Jesus simbolizam “o estar voltado (de Jesus) para a totalidade do povo de Israel, a promessa de reconstituí-lo, o estar destinado à salvação do domínio de Deus que há de vir. Nesta perspectiva, vemos que, embora pelo anúncio de Jesus o indivíduo esteja desafiado a tomar posição e a decidir-se, em

¹⁸ J. GNILKA, *Jesus de Nazaré ...*, Op. cit., p. 173.

¹⁹ Cf. as “palavras de julgamento” pronunciadas por Jesus sobre Israel: Mt 12,41s.; Lc 11,31s.; Mt 23,37; Lc 11,49; Mt 11,21-24; Lc 10,13-15; Mt 8,11s.; Lc 13,28s.

²⁰ Cf. J. HOFFMANN, “La Iglesia y su origen” in B. LAURET / F. REFOULÉ, *Introducción a la práctica de la teología*, Tomo III, Madrid, 1985, pp. 86-111; G. LOHFINK, *Como Jesus queria as comunidades? A dimensão social da fé cristã*, São Paulo, 1987, pp. 17-47; J. GNILKA, *Jesus de Nazaré ...*, Op. cit., pp. 181-188.

²¹ Em Marcos, eles são chamados simplesmente os Doze (3,14; 6,7; 9,35; 10,32; 11,11; 14,17); em Mateus são chamados os Doze discípulos (10,1) e, uma vez, os Doze apóstolos (10,2); nos escritos de Lucas, firma-se o conceito de Doze apóstolos (Lc 6,13; 9,10; 17,5; 22,14; 24,10); em João os Doze só são mencionados quatro vezes de passagem, duas das quais na expressão “um dos Doze”, referindo-se a Judas Iscariotes e a Tomé (6,67.70.71; 20,24).

²² Cf. P. VIELHAUER, “Gottesreich und Menschensohn in der Verkündigung Jesu: Aufsätze zum Neuen Testament”, *Theologische Bücherei* 31 (1965)68-71; W. SHNEEMELCHER, *Il cristianesimo delle origini*, Bologna, 1987, p. 73 ss.

²³ É o caso de H. CONZELMANN, *Le origini del cristianesimo: I risultati della critica storica*, Torino, 1976; cf. G. SEGALLA, *Panorama ...*, Op. cit., p. 164.

²⁴ J. HOFFMANN, “La Iglesia ...”, Op. cit., p. 104; G. LOHFINK, *Como Jesus queria ...*, Op. cit., pp. 20-24; R. FABRIS, *Jesus de Nazaré ...*, Op. cit., pp. 135-137; J. GNILKA, *Jesus de Nazaré ...*, Op. cit., p. 175.

última análise o que constitui o horizonte de sua atuação é o povo de Deus. O caráter simbólico da existência do círculo dos Doze pode estar insinuado na observação contida em Mc 3,14 (mas que é anterior a Marcos), de que deveriam 'ficar em sua companhia'. (...) Entre os objetivos dos discípulos de Jesus, eles estavam destinados em primeiro lugar a anunciar juntamente com ele o domínio de Deus. Como núcleo dos discípulos, os Doze certamente não devem ficar excluídos desta tarefa. Através dos Doze a oferta de salvação dirigida a Israel, em conexão com a pregação da 'basiléia', não podia deixar de ser apresentada com mais eficiência. Resta observar que os Doze, nesta fase mais precoce, ainda não tinham que assumir outras funções especiais, como p. ex. a participação no reinado escatológico do Filho do Homem e em sua tarefa de juiz, como mais adiante se diz em Mt 19,28 par.. Sua existência ainda se restringe a representarem um sinal profético²⁵. Mas esta perspectiva se alterará a partir da segunda fase da vida pública de Jesus, iniciada com a chamada "crise da Galiléia", quando os discípulos, e, em seu núcleo, os Doze, serão vistos numa nova luz, por Jesus e receberão deste novas tarefas para a etapa da história da salvação que haverá de inaugurar-se com a morte violenta de Jesus²⁶.

4.1.3. O papel de Kepha(s)/Pedro

No grupo dos Doze, um discípulo se destaca: *Simão Pedro*, que, em Mt 16,17, recebe o nome adicional de Barjonas, e que, segundo Jo 1,42 e 21,15, se chama Simão, filho de João.

Interessa-nos aqui o nome de *Pedro*, acrescentado ao de Simão, o discípulo que, nas listas dos Doze, é sempre o primeiro a ser mencionado. Na era pré-cristã, não se encontra o nome Pedro como apelativo, mas nomes parecidos sim, como Petrios, Petraios, Petrou e semelhantes²⁷. O nome Kepha-Kephas/Petros foi dado a Simão, certamente para

²⁵ J. GNILKA, *Jesus de Nazaré ...*, Op. cit., p. 176.

²⁶ A. DESCAMPS, "Aux origines ...", Op. cit., p. 4: "Face à cette nouvelle perspective, Jésus voit aussi ses disciples sous un jour nouveau, car il n'a pu penser à un royaume futur sans voir s'y poursuivre un 'ministère de salut' semblable à celui qui avait marqué sa vie terrestre". *Ibidem*, pp. 122-123: "Pour évoquer tout de suite la nouvelle situation de ceus-ci, disons que, non seulement ils restent distincts par rapport aux foules, mais qu'il s'agit désormais d'autres foules, laissés 'aux dehors' (Mc 4,11), face auxquelles se trouve le 'petit troupeau' des disciples. Les premiers foules ont été détournées du royaume par les pharisiens et les chefs du peuple; la communauté messianique se concentre désormais dans le groupe restreint des disciples (...) Jésus pressent d'ailleurs sa propre mort, et comme celle-ci ne saurait être un désaveu du Père, il songe à une relance du royaume après sa mort. Dans cette nouvelle perspective, les disciples sont l'objet d'une sorte de formation, non tant pour le présent que pour le futur (...) Les disciples tels que Jésus les avait d'abord vus, et tels qu'il va les définir maintenant, sont les modèles et les précurseurs des ministres de l'Eglise au cours des siècles ...".

²⁷ Cf. P. LAMPE, "Das Spiel mit dem Petrusnamen - Mt 16,18", *New Testament Studies* 25 (1979) 227-245, citado por J. GNILKA, *Jesus de Nazaré ...*, Op. cit., p. 178.

expressar alguma coisa. Em Mt 16,18, com efeito, o nome Petros é relacionado com a intenção de instituir a Igreja. Mas se trata de uma interpretação ulterior do nome de Pedro: aqui o termo “petros” é transformado em “petra” (= o rochedo), enquanto a palavra “petros” tem outro significado (= a pedra). Portanto, Mt 16,18, transformando o nome “petros” em “petra”, “pressupõe que este discípulo já possuía este nome, e que aqui ele apenas recebe uma nova interpretação. (...) Se uma nova interpretação podia ser ligada ao seu nome, e se Simão, por conseguinte, já o possuía antes, é provável que o nome remonte a Jesus. Jesus chamava Simão de Kepha. Esta é a forma aramaica original. Encontramo-la dez vezes no Novo Testamento, sob a forma ligeiramente helenizada de Kephas. O Kepha aramaico significa predominantemente ‘pedra’, também pedra preciosa, e, ao lado disto, rochedo”²⁸.

Além disso, os Evangelhos deixam transparecer o papel de Simão como porta-voz dos discípulos, o que se explica com mais naturalidade “pelo fato de juntamente com seu irmão André ter sido o primeiro a ser chamado por Jesus. André deve ter sido o mais novo. Podemos admitir que a atribuição do nome de Kephas a Simão esteja relacionada com o primeiro seguidor de Jesus. Talvez ela já tenha ocorrido no primeiro chamado. Ou na instituição do grupo dos Doze? (...) Entre os doze Simão assume o primeiro lugar. A atribuição do nome de Kephas o distingue como primeiro discípulo de Jesus”²⁹.

Este primeiro discípulo, além disso, adquirirá uma posição especial no segundo período do ministério de Jesus, em função da perspectiva de uma “sobrevida” do Reino após a morte de Jesus³⁰.

4.1.4. Jesus e a ‘fundação’ da Igreja

Os escritos do Novo Testamento, sobretudo os Evangelhos, certamente apresentam a Igreja como fundada na Páscoa de Cristo, mas referem-na também ao conjunto da obra histórica de Jesus.

A questão da origem da Igreja, que foi colocada quase com exasperação na Idade Moderna, não é só um problema histórico, mas tam-

²⁸ J. GNILKA, *Jesus de Nazaré ...*, Op. cit., p. 178. A. DESCAMPS, “Aux origines ...”, Op. cit., p. 142: “Le verdict de la documentation paulinienne et évangélique est celui-ci: ce n’est pas seulement après la mort du Christ que Pierre a été appelé roc — par exemple parce qu’il avait été le premier à voir le Seigneur ressuscité — mais déjà du vivant de Jésus et par une initiative de Jésus lui-même”.

²⁹ J. GNILKA, *Jesus de Nazaré ...*, Op. cit., 179.

³⁰ A. DESCAMPS, “Aux origines ...”, Op. cit., p. 146 “Durant sa vie mortelle — peut-être tout à la fin, — Jésus confia à Pierre un ministère de direction pour le temps que suivrait la mort du messie. Cette conclusion, valable aussi pour Lc 22,31-34, l’était déjà pour Mt 16,17-19, où elle s’ajoutait à une première constatation: Jésus a vu en Pierre le fondement de l’édifice spirituel que serait la communauté messianique de l’avenir”. Cf. *ibidem*, pp. 138-146.

bém teológico. Tornou-se famosa a afirmação lapidar de A. Loisy: "Jesus anunciava o reino, e veio a igreja"³¹. Nesta formulação, há uma tensão entre o projeto de Jesus (o reino de Deus) e o dado histórico (o surgimento da Igreja). A Igreja aparece como que desligada de Jesus e em oposição estrutural ao seu plano, sendo, portanto, a partir de sua origem, destituída de legitimidade. Em plena crise modernista, a frase polêmica de Loisy foi considerada um ataque à autocompreensão católica da Igreja e, como tal, foi rejeitada. Mas, num outro contexto, pode ser entendida de outra maneira e ser considerada pertinente³².

Distanciando-se do Vaticano I³³, o Concílio Vaticano II coloca a questão da origem da Igreja em termos matizados, mais respeitosos dos dados bíblicos e da realidade histórica: "*O Senhor Jesus deu início à sua Igreja pregando a boa nova, isto é, o advento do reino de Deus há séculos prometido na Escritura*"³⁴. Aí não se faz, como poderia parecer a uma leitura desatenta, a velha identificação entre "Igreja" e "Reino de Deus", mas mantém-se a tensão entre as duas realidades: Jesus deu início à Igreja exatamente fazendo *algo diferente* de fundar a Igreja, ou seja, proclamando o reino de Deus. Mais ainda: Ele deu início à Igreja anunciando algo, o reino de Deus, *há muito tempo* (i.é, já no Antigo Testamento) prometido. Supera-se, desta maneira, um duplo inconveniente da explicação de uma fundação pontual da Igreja pelo Jesus histórico: por um lado, o eclesiocentrismo, na medida em que a origem da Igreja é articulada com o verdadeiro centro da missão e da mensagem de Jesus, o reino, e, por outro, o ahistoricismo histórico-salvífico, enquanto ela é articulada com o povo de Israel e sua história: "nesta perspectiva, a Igreja tem o próprio início não num verdadeiro e próprio ato de fundação (ou mesmo em mais atos de fundação). Esta linha de proveniência parte do tempo *antes de Jesus*, passa *por Ele* e *dEle* chega à Igreja"³⁵. Num horizonte ainda mais amplo, o cristomonismo é, na verdade, superado por uma leitura trinitária da Igreja, com todas as suas implicações e conseqüências no plano histórico e no plano teológico.

³¹ A. LOISY, *L'Évangile et l'Église*, Paris, 1903, 3ª ed., p. 153: "Jésus annonçait le royaume, et c'est l'Église qui est venue".

³² A. DESCAMPS, "Aux origines ...", *Op. cit.*, p. 126: "D'autre part, rien ne permet de croire que Jésus ait vu dans sa mort future ou dans cet échec apparent de sa parole un désaveu du Père céleste. L'instauration du royaume, pour être reportée *sine die*, n'en est donc pas moins certaine; elle ressemblera même au grand arbre de la parabole (Mc 4,32 par.). Cet épanouissement eschatologique ne se profile qu'au-delà de la mort du messie; il ne semble pas qu'il doive intervenir au lendemain même de sa mort. Un espace s'ouvre ainsi pour une relance terrestre du royaume, et pour le rassemblement d'une nouvelle communauté messianique. Jésus prêcha le royaume, mais ce fut l'Église qui vint: celle formule d'apparence insidieuse est donc acceptable".

³³ Cf. CONCILIO VATICANO I: Constituição Dogmática *Pastor aeternus*, DH, 3050-3052.

³⁴ *Lumen Gentium* 5.

³⁵ H. ZIRKER, *Ecclesiologia*, Brescia, 1987, p. 48

Mesmo quem defende a impossibilidade de reconstituir o anúncio original de Jesus, a partir do Evangelhos, admite que “o núcleo em volta do qual gravitam o ensinamento e a atividade histórica de Jesus consiste no reino de Deus”, conclusão que se impõe pela extraordinária frequência da expressão “reino dos céus” (ou “de Deus”) nos ensinamentos de Jesus referidos pela tradição sinótica³⁶. E todos sabem também que, embora certamente se encontrassem pagãos entre os ouvintes de Jesus sobretudo na população mista da Galiléia, que foi o principal centro geográfico de sua atuação, a atividade de Jesus está voltada primeiramente para Israel, que Ele quer convocar, preparar e congregar para a vinda iminente do reino. “O reino prometido e esperado é, com efeito, inseparável de um povo renovado e reunido, e a intenção de Jesus é também suscitar o povo de Deus dos últimos tempos, na linha dos anúncios dos profetas e das expectativas messiânicas. Desconhecer esta dimensão ‘eclesial’ constitutiva da pregação de Jesus (vendo, por exemplo, no reino uma realidade puramente ‘espiritual’ que implica só a relação pessoal, individual, do homem com Deus e sua transformação ‘interior’, e que só fundamenta, no máximo, uma comunhão invisível) equivaleria a ‘ignorar o messianismo escatológico de Israel: para este messianismo, a salvação escatológica não pode ser considerada independentemente do povo de Deus, e a comunidade de Deus faz parte necessariamente do reino de Deus’ ”³⁷. De uma maneira provocativa, poderíamos dizer que “Israel era a sua ‘Igreja’, era o povo que de maneira nova e definitiva precisava ser chamado para o domínio de Deus. Ao falarmos de Igreja (*ekklesia*), estamos pensando aqui, antes de tudo e em última análise, no povo de Deus convocado”³⁸.

É também largamente aceita a idéia, à qual já acenamos mais de uma vez anteriormente, de que a vida pública de Jesus deva ser dividida em dois períodos: um primeiro, marcado pela esperança da irrupção iminente do Reino, já inaugurado na alegria e no poder; um segundo, que se inicia com a chamada “crise da Galiléia” e tem seu

³⁶ R. FABRIS, *Jesus de Nazaré ...*, Op. cit., p. 104. A expressão “reino dos céus” ou “reino de Deus” na boca de Jesus aparece 61 vezes nos sinóticos, 85 no total, se se considerarem os passos paralelos: 13 em Marcos, 27 em Mateus, 12 em Lucas, 9 em Mt-Lc paralelos; 2 em João (cf. 3,3.5). Além desta imponente frequência, a fórmula consta nos “resumos” da pregação de Jesus (cf. Mc 1,14-15; Mt 4,23; Lc 4,43; 8,1; 9,6).

³⁷ J. HOFFMANN, “A Igreja ...”, Op. cit., p. 103. Não há contradição entre a vinda iminente do reino e a reunião de um povo santo, pelo contrário: “Não cabe dúvida: Jesus fala repetidamente, sob as mais diversas figuras, da reunião do povo de Deus que se realiza. A espera da parusia para breve não contradiz absolutamente a isto. Pelo contrário! Precisamente porque Jesus concebeu o fim como estando próximo, ele precisava ter querido reunir o povo de Deus do tempo da salvação (...). Precisamos frisar fortemente: o único sentido de toda a atividade de Jesus é reunir o povo de Deus do fim dos tempos”: J. JEREMIAS, *Teologia do Novo Testamento*, São Paulo, 1977, 1ª parte, p. 261. Cf. G. LOHFINK, *Como Jesus queria...*, Op. cit., pp. 43-47.

³⁸ J. GNILKA, *Jesus de Nazaré ...*, Op. cit., p. 182.

desfecho na paixão e morte de cruz. Durante o primeiro período, Jesus recruta um grupo de discípulos, distinto da multidão e já destinado a uma obra específica, a ser realizada num próximo futuro, seja ao lado de Jesus, seja como enviados por ele (missão da Galiléia). A partir da "crise da Galiléia", quando cada vez mais claramente se perfila diante de Jesus a perspectiva de uma morte violenta, delineia-se também um horizonte mais complexo para o advento do Reino. Jesus não vê na sua morte futura uma desaprovação do Pai e, por isso, não recua diante dela; aceitando a morte, não renuncia à sua esperança da vinda do Reino, mas integra este aparente fracasso no misterioso plano de Deus. O Pai não abandonará o seu Messias na morte; Ele mesmo retomará em suas mãos a obra do Messias. A obra messiânica de Jesus deverá passar pela morte, mas prosseguirá para além da morte. Diante desta nova perspectiva, ele vê sob uma nova luz também seus discípulos: estes doravante, reduzidos agora a um "pequeno rebanho" no qual se concentra a comunidade messiânica, são vistos não somente como companheiros de missão, mas como seus herdeiros, os depositários de sua missão, os prosseguidores de seu projeto. Neste novo contexto, Jesus os prepara para o futuro, comunicando-lhes um ensinamento (na forma de parábolas) inacessível às multidões, dando-lhes algumas instruções e prerrogativas especiais: os discípulos tornam-se depositários dos segredos do Reino; por causa do Reino, participarão do mesmo destino de sofrimento de Jesus; o "apostolado" deve ser vivido como serviço; a entrega aos Doze de um memorial a ser reiterado no futuro; por último, a despeito de seu revestimento redacional, Mt 16,17-19 parece conter o núcleo de uma tradição autêntica que atribui a Jesus a vontade de edificar sobre Pedro a comunidade messiânica do futuro. Nesta perspectiva, a constituição da "Igreja" se integra coerentemente no projeto de Jesus.

Certamente uma verdadeira e própria *instituição* da Igreja, com condições externas de pertença e especialmente com claras estruturas organizativas, não fazia parte ainda das perspectivas de Jesus. Mesmo assim, a pregação do reino de Deus por parte de Jesus, antes da Páscoa, conduz a um movimento³⁹ agregativo, o qual já apresenta determinadas estruturas sociais:

— O simples fato de Jesus *falar em público deu lugar a agrupamentos, ainda que de tipo instável*: os que lhe davam ouvidos e os que não lhe davam ouvidos; os que iam a ele, os que se afastavam dele; os que consentiam, os que contradiziam, ou, ainda, os que, a seu respeito, não tinham nenhuma opinião (cf. por exemplo Mc 9,40; Mt 12,30; Jo 6,66s).

— Além deste primeiro nível de estruturação social, há outro mais específico: o *chamamento de discípulos*, que dá origem àquele grupo

³⁹ Cf. G. THEISSEN, *Gesù e il suo movimento: Analisi sociologica della comunità cristiana primitiva*, Torino, 1979.

especial de testemunhas que compartilha o destino de Jesus. No seu conjunto, é claro que já se trata de um grupo singular, embora ainda não constituísse uma comunidade especial, pois estava inteiramente voltado (como Jesus e com Jesus) à tarefa de interpelar Israel como povo de Deus.

— Enfim, havia os *Doze* (escolhidos entre os discípulos, mas como grupo distinto), que, por seu número, *remetem simbolicamente às Doze tribos de Israel*, mas não ainda de modo a poder ser entendidos como os “patriarcas” do “novo povo”, mas como os representantes do Israel atual, colocado agora *na sua totalidade*, diante do apelo definitivo. Com o grupo dos Doze, portanto, Jesus, antes da Páscoa, já fundara uma *instituição social*, mas não ainda em função de uma igreja própria. O que devia acontecer com este grupo e com suas funções no tempo sucessivo, isto é, quando ele fosse impedido de representar Israel pelas autoridades constituídas? Com a rejeição de Jesus, essa estrutura social devia cair? A decisão, de alguma maneira, preparada na segunda etapa da vida pública de Jesus, foi tomada depois da Páscoa. No lugar de Judas, que tinha ido embora, foi escolhido Matias: reconstituído uma única vez, *o círculo dos Doze manteve a própria função simbólica, e assumiu de algum modo também uma função “diretiva”, numa nova situação histórica.*

— Entre as estruturas sociais que ligam o grupo pré-pascal de Jesus com a Igreja posterior, existe também, enfim, a ‘*comensalidade*’ (o comer juntos como ação simbólica). “Sentar-se à mesa com alguém” (no caso de Jesus, com os pobres e pecadores, os excluídos) é uma expressão fundamental de comunhão do movimento jesusânico, que, levada à sua culminância simbólica na “última ceia”, é retomada no “partir o pão” pós-pascal.

Na verdade, somente *no período pós-pascal*, e progressivamente, é reconhecível a passagem do “movimento” / “grupo” de Jesus a uma verdadeira e própria instituição “Igreja”: em Antioquia os “discípulos” recebem o nome especificante de “cristãos” (At 11,26); no chamado “concílio apostólico” (49 d.C.), se decide pelo acolhimento dos não hebreus na comunidade cristã, sem submetê-los à Lei judaica (At 15); dentro do judaísmo, o movimento de Jesus é rotulado de “caminho” (próprio) (At 19,9) e “seita dos Nazarenos” (At 24,5); no ano 70, com a destruição do Templo desaparece um lugar simbólico de comunhão dos judeu-cristãos com o seu povo; a partir do ano 90, aproximadamente, os hebreus que aderem a Jesus são expulsos da sinagoga (cf. Jo 9,22).

Em resumo: “quem procura o início da Igreja, não encontrará uma passagem precisa, mas, por um lado, deverá olhar para trás até às esperanças de Israel, e, por outro, deverá perceber que a sua fundação não está completada, nem sequer nos tempos dos apóstolos: o último escrito do Novo Testamento (2Pd) remontaria à primeira metade do II século; o cânon vinculante de uma ‘Sagrada Escritura’, enfim se con-

figura definitivamente somente depois de debates que se prolongam através dos séculos”⁴⁰.

4.2. A comunidade de Jerusalém: os Doze, os Sete, os Presbíteros⁴¹

A Igreja começou a existir em Jerusalém a partir da experiência pascal dos discípulos e discípulas. O grupo dos discípulos, que anuncia Jesus ressuscitado, constituiu-se numa comunidade que aparece como uma nova seita judaica (*haíresis*: At 24,5.14; 28,2). Seus membros consideravam-se “santos” (cf. Rm 15,25s.31) e “eleitos” (cf. Mc 13,20.22.27). Permaneciam ligados à Lei e ao Templo, embora buscando “uma justiça maior que a dos fariseus” (Mt 5,20). O batismo no nome de Jesus marca a conversão e o ingresso na comunidade (cf. At 2,38; 8,16; 10,48). A vida da primeira comunidade é, resumidamente, descrita em At 2,42, em torno de quatro elementos: o ensinamento dos apóstolos, a comunhão, a fração do pão e as orações.

4.2.1. Os Doze

Nessa comunidade, os Doze discípulos têm um papel preponderante: é ao redor deles que se organiza a primeira comunidade cristã depois de Pentecostes.

Seu primeiro ato, presidido por seu líder, Pedro, foi completar o grupo, reduzido a Onze pela defecção de Judas Iscariotes, o traidor (cf. At 1,12-26)⁴². A função apostólica aparece compreendida como o equiva-

⁴⁰ Cf. H. ZIRKER, *Op. cit.*, p. 53.

⁴¹ J. DUPONT, *Nouvelles études sur les Actes des Apôtres*, Paris, 1984, p.184: “A la question de la valeur historique des Actes dans ce qu’ils nous rapportent sur les ministères aux origines de l’Église la réponse doit être nuancée. Il faut affirmer, d’une part, que les Actes ont conservé des traditions anciennes et qu’ils nous transmettent des informations souvent irremplaçables sur les premières structures communitaires chrétiennes à Jérusalem et à Antioche... Mais on doit reconnaître, d’autre part, que Luc utilise d’une manière souvent très libre les données dont il dispose, les interprétant en fonction des problèmes que la disparition des Apôtres pose à l’Église de son temps...”. Embora possamos encontrar informações sobre a Igreja de Jerusalém em outros escritos, a melhor fonte continua sendo o livro dos Atos. A Lucas, naturalmente, “interessava il modo in cui la missione ai gentili doveva essere motivata teologicamente, non un resoconto storico delle origini e del corso della missione. Naturalmente, questo non significa che la sua versione sia priva di valore in quanto fonte storica; essa rimane tuttora la nostra fonte migliore e più affidabile sugli inizi del cristianesimo. La preoccupazione di Luca non era tuttavia il dettaglio storico, ma una ristrutturazione della tradizione che le permettesse di trasmettere un messaggio e una sfida ai suoi contemporanei”: D. J. BOSCH, *Trasformazione della missione. Mutamenti di paradigma in missiologia*, Brescia, 2000, p. 128.

⁴² O texto dos Atos que narra essa eleição apresenta um caráter arcaico (cf. J. SCHMITT, “Sacerdoce juif et hiérarchie”, *Recherches de Science Religieuse* 43 / nº 2 (1955) 257-258.

lente cristão do *paqid* ou *mebaqker* sacerdotal das seitas judaicas⁴³. O acréscimo de Matias completa o colégio dos Doze⁴⁴, de modo que o Israel escatológico mínimo dos 120 tenha à frente de cada uma de suas doze dezenas (ou *asarah*) um Apóstolo testemunha do Senhor⁴⁵.

Os Doze, que tinham sido convocados já pelo Jesus histórico, tornam-se agora testemunhas qualificados do Cristo ressuscitado (cf. At 1,3.8.21-22; 2,22-24.32; 5,13-32; 10,40-41)⁴⁶. Foi a eles que o Ressuscitado delegou seus poderes messiânicos desabrochados em plenitude por sua glorificação (cf. Mt 28,18; Lc 24,44-47; Jo 20,13-26): “está aí sua graça própria, seu papel fundamental, insubstituível, que os constitui garantes da fé dos fiéis, e faz que a fé da Igreja seja essencialmente apostólica”⁴⁷. Esta condição os diferencia dos demais membros da comunidade: “Testemunhas do Cristo, seus plenipotenciários, seus *selihim*, os Doze são por isso não só os fundamentos da fé da Igreja, mas o centro da comunidade que encontra em seus lábios o eco da palavra do Mestre e, na sua pessoa, sua presença por lugar-tenência. Está aí para os Doze uma graça própria, um papel único e insubstituível, um privilégio pessoal, *per se* intransmissível”⁴⁸.

⁴³ Cf. K. BERGER, *Qumran e Jesus: Uma verdade escondida?* Petrópolis, 1995, 2ª ed., p. 63: “Somente em Jesus e em poucos textos de Qumran encontra-se o conceito da renovação ‘concêntrica’ de Israel, através de um grêmio de doze homens. Aqui certamente existem pontos de contato muito intensos”.

⁴⁴ A seita de Qumrân tinha um governo comunitário muito parecido com aquele descrito por Lucas em At 6 e At 15. R.E. BROWN, *Sacerdote e bispo...*, *Op. cit.*, p. 61: “Em Qumrân, a assembléia de todos os membros adultos da comunidade, chamada ‘a Sessão dos Muitos’ (*rabbim*) era convocada para exercer o poder judicial e executivo sobre os sectários. Além disso, havia um conselho, formado por doze pessoas do sexo masculino e três sacerdotes, que formava um organismo autorizado mais elevado no âmbito da assembléia. Os paralelos entre ‘os muitos’ de Qumrân e ‘a multidão’ dos cristãos de Jerusalém são evidentes, como é evidente a semelhança do conselho dos Doze em cada um dos grupos (...). Portanto, a seita judeu-cristã de Jerusalém pode ter estruturado a sua forma de governo imitando o modelo de outras seitas judaicas”.

⁴⁵ Cf. *Documento de Damasco*: “Eis a regra constitutiva dos campos... regra aplicável a dez homens pelo menos, aos grupos de mil, de cem, de cinquenta e de dez. Onde houver uma dezena, que não falte um sacerdote versado no livro... Todos se atacam à sua palavra” (CDC 12,22,13,3).

⁴⁶ Cf. J. SCHMITT, *Jésus réssuscité dans la prédication apostolique: Étude de théologie biblique*, Paris, 1949. Idem, “La résurrection de Jésus dans la prédication apostolique et la tradition évangélique”, *Lumière et Vie* 2 (1952) 35-59. Em Lucas, “la véritable institution des Apôtres doit être cherchée dans les paroles par lesquelles, au moment précis où il quitte définitivement ce monde, Jésus réssuscité les établit comme ses ‘témoins’: ‘C’est vous qui êtes témoins de ces choses’ (Lc 24,48); ‘Vous serez mes témoins à Jérusalem, dans toute la Judée et la Samarie, et jusqu’aux extrémités de la terre’ (Ac 1,8). Les Apôtres sont constitués dans leur ministère de témoins du Christ lorsque celui-ci s’en va auprès du Père”. J. DUPONT, *Nouvelles études ...*, *Op. cit.*, p. 146.

⁴⁷ J. COLSON, “L’organisation ecclésiastique aux deux premiers siècles de l’Église”, in AA. VV., *Problemi di Storia della Chiesa: La Chiesa antica. Sec. II-IV*, Milano: Vita e Pensiero, 1970, p. 56. Cf. 1Cor 15,1-3.

⁴⁸ J. COLSON, “L’organisation ...”, *Op. cit.*, p. 56.

Se os discípulos de Jesus em sentido estrito, cujo centro é o círculo dos Doze, tinham sido enviados por Jesus já durante o seu ministério público⁴⁹, contudo “a missão definitiva que constitui o apostolado veio depois da ressurreição. Todos os evangelhos associam o papel do discípulo ao do apóstolo, sendo que os Doze (ou Onze) discípulos receberam a missão apostólica após a ressurreição (Mt 28,19; Lc 24,47-48; Jo 20,21; apêndice do evangelho de Marcos 16,15)”⁵⁰.

Na visão de Lucas, os Doze atuam como uma espécie de conselho⁵¹ que chefia a multidão dos crentes, quando decisões importantes para o futuro do Evangelho são tomadas, como é o caso, sem entrar aqui nos detalhes exegéticos, da questão dos helenistas (At 6,1-6) e da questão dos gentios (At 15,1-29). Os Doze não eram líderes de Igrejas locais: “na visão de Lucas o cuidado deles (dos Doze) era com toda a Igreja”⁵².

4.2.1.1. Os “Doze” foram apóstolos? ⁵³

Mas os Doze foram efetivamente apóstolos? Lucas não tem dúvida a respeito; para ele, os principais apóstolos da Igreja primitiva foram os doze discípulos históricos de Jesus⁵⁴. Mas este enfoque,

⁴⁹ R.E. BROWN, *Sacerdote e bispo...*, Op. cit., p. 33: “É difícil julgar até que ponto a missão na Galiléia seja uma retroprojeção da missão apostólica pós-pascal. Certamente Mt 10,17-18, ao mencionar a perseguição por parte das sinagogas, dos governadores e dos reis, colocou na boca de Jesus uma leitura da história posterior. Contudo, a idéia de uma missão limitada durante o ministério de Jesus continua sendo possível”.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 33.

⁵¹ *Ibidem*, p. 61.

⁵² *Ibidem*, p. 61.

⁵³ À pergunta: “Jesus deu aos Doze o nome de Apóstolos?” depois de detalhada investigação, Dupont chega às seguintes conclusões: “(1) ...il faut considérer comme étant hors de doute le fait que Jésus a constitué le collège des Douze; (2) Il est certain également que, lors de la première phase de son ministère en Galilée, Jésus a ‘envoyé’ les Douze en tournée de prédication. 93) Il est possible, et même vraisemblable, qu’à cette occasion les Douze ont été considérés comme les *chelihi*, les ‘envoyés’ de Jésus. Jésus lui-même a pu les désigner de ce nom. Mais rien dans l’Évangile ne permet d’affirmer qu’il l’a réellement fait. (4) A supposer que la qualité de *chelihi* ait été reconnue aux Douze lors de la mission de Galilée, l’expression ne saurait avoir le sens précis que le titre d’Apôtres comporte dans le langage chrétien. (5) Si on ne force pas leur portée réelle, les textes évangéliques ne permettent d’affirmer ni même de supposer que Jésus, dès sa vie terrestre, a donné aux Douze ce titre d’Apôtres comme une désignation qui leur serait propre. (6) L’usage de l’Église primitive, où le titre d’apôtres n’est pas réservé exclusivement aux Douze et où il comporte une relation essentielle avec la Résurrection de Jésus, dissuade de chercher l’origine immédiate de ce titre dans la période évangélique”. J. DUPONT, “Le nom d’apôtres a-t-il été donné aux Douze par Jésus?”, *L’Orient Syrien* 1 (1956) 444. A respeito do uso do termo *sheluhin* na literatura rabínica, porém, cf. G. LEONARDI, “Apóstol/discípulo”, Op. cit., pp. 145.152.

⁵⁴ R.E. BROWN, *Sacerdote e bispo*, Op. cit., p. 52: Mas ele não está sozinho quanto a estabelecer um nexo entre os doze discípulos e a tarefa apostólica: “os evangelhos ligam os doze discípulos à tarefa apostólica, sendo que eles foram *enviados* (*apostellein*)”.

assumido por Lucas quase que como uma tese, tem fundamento histórico? Sendo que esta visão aparece com mais freqüência nos escritos mais recentes do Novo Testamento, não seria um expediente fictício, como supõem certos estudiosos, para engrandecer a memória dos doze discípulos de Jesus, que teriam tido sim um lugar de destaque durante o seu ministério, mas que, com exceção de Pedro e João, não teriam sido particularmente importantes na vida da Igreja primitiva?

A maioria dos estudiosos “ainda acha aceitável a opinião de que os doze discípulos de Jesus eram considerados apóstolos desde o início. Por exemplo, numa fórmula que pertence aos primeiros anos do cristianismo (1Cor 15,5), Paulo transmite a tradição de que Jesus ressuscitado foi visto pelos Doze, uma visão que representa um elemento essencial da missão apostólica. O fato de todos os evangelhos sinóticos conservarem uma lista dos nomes dos Doze indica que eles continuavam a ser uma lembrança importante para a Igreja (as listas dificilmente podem ser consideradas uma criação posterior dos evangelhos, sendo que os nomes dos membros menos importantes são confusos, provavelmente porque eles estavam sendo esquecidos, embora o conceito dos Doze como um todo não tivesse sido esquecido). Se nós, porém, aceitamos a historicidade dos Doze como apóstolos, a tese de que houve *somente* doze apóstolos é seguramente uma simplificação tardia. Havia muitos apóstolos nos primeiros tempos, embora os Doze possuísem um lugar de destaque entre eles, não tanto por causa das suas atividades missionárias (veremos que não há evidências de que a maioria deles tenha deixado a região de Jerusalém), mas pelo fato de eles terem sido os companheiros mais próximos de Jesus”⁵⁵.

É questionável a opinião de alguns estudiosos de que Lucas limita o apostolado exclusivamente aos Doze e de que, para ele, Paulo não era apóstolo. Com efeito, Lucas é o único dos evangelistas a relatar o envio (*apostellein*) dos setenta e dois discípulos (cf. Lc 10,1ss.), prefigurando, com este expediente, provavelmente redacional, um grupo maior de apóstolos. Para ele, os Doze naturalmente eram ligados a Jesus de uma maneira toda especial. Por isso, são considerados

– Mc 6,7) durante o ministério, de Jesus) e receberam do Ressuscitado a missão apostólica. Mc 6,30 e Mt 10,2 consideram os discípulos como apóstolos; de fato, Mateus fala dos ‘doze apóstolos’, como Ap 21,4”. Segundo Dupont, “l’idée qu’il [Lucas] s’en tient correspond au stade de la pensée chrétienne à l’époque où il compose son ouvrage: identifiés aux Douze, les Apôtres sont à la fois les témoins de la résurrection de Jésus et les garants des traditions relatives au ministère public; ils assurent ainsi la continuité entre Jésus et l’Église. Écrivant son livre après la disparition des Apôtres, Luc atteste que l’autorité d’abord exercée par ceux-ci reste assurée à l’Église dans la personne de ses dirigeants”: J. DUPONT, *Nouvelles études...*, Op. cit., p. 150.

⁵⁵ R.E. BROWN, *Sacerdote e bispo...*, Op. cit., p. 53.

apóstolos privilegiados, característica que os outros não possuíam, nem mesmo Paulo, a quem, todavia, Lucas chama de apóstolo em At 14,4.14, apesar de Jesus ressuscitado ter aparecido aos Doze antes da ascensão e a Paulo somente (algum tempo) depois da ascensão: “para Lucas, a missão apostólica, mais do que uma exclusividade dos Doze, é atribuída *por excelência* a eles”⁵⁶. Certamente Lucas, com a intenção de ressaltar a autoridade dos Doze em Jerusalém, simplificou a descrição das atividades dos Doze, mas “no núcleo de sua idealização há, provavelmente, um substrato histórico maior do que o reconhecido pelos modernos comentaristas alemães dos Atos (...) a descrição de Lucas pode ser considerada imperfeita mais por omissão do que por excesso. Lucas nos diz relativamente pouco sobre os Doze. É provável que eles tenham sido muito mais ativos do que o demonstrado pelo Novo Testamento”⁵⁷.

4.2.1.1. Os “Doze” tiveram sucessores?

Na visão de Lucas, há certamente uma continuidade entre Jesus, os Doze, que ele considera “os Apóstolos”, e os presbíteros (ou episcopos): para Lucas, “os ministérios têm precisamente a finalidade de assegurar a *continuidade* de uma etapa à outra da história que ele relata. Isto é verdadeiro, em primeiro lugar, no que se refere aos Apóstolos. Lucas não se contenta em ver neles as testemunhas da ressurreição de Jesus, segundo a concepção tradicional. Ele faz questão de fazer deles as testemunhas de todo o ministério terrestre de Jesus. Eles são assim para a Igreja os garantes da tradição evangélica, a dobradiça entre o tempo de Jesus e o tempo da Igreja, aqueles que asseguram a continuidade entre a mensagem de Jesus e a mensagem da Igreja. Os ministérios posteriores são vistos na mesma perspectiva, a julgar pelo menos pelos dois textos em que Lucas teve a ocasião de exprimir seu pensamento: sumariamente em 14, 22-13, com mais desenvolvimento em 20, 17-35. A função própria e essencial dos presbíteros (ou episcopos) é a de garantir, para cada uma das comunidades de que eles se encarregam colegialmente, a perseverança na fé à mensagem apostólica”⁵⁸.

Por outro lado, é importante eliminar alguns outros mal-entendidos e confusões relativos à descrição dos Doze nos Atos: 1º) Lucas não retrata esses apóstolos, enquanto grupo, como missionários: apesar de Lc 24,47 e At 1,8 (cf. At 1,2.13), nos Atos quase não há evidênci-

⁵⁶ *Ibidem*, p. 54. Segundo J. DUPONT, porém, em At 14,4 e 14, “Barnabé et Paul ne sont appelés *apostoloi* qu’au sens de ‘missionnaires’, ‘envoyés’ de l’Église d’Antioche, non au sens fort où l’on parle des ‘Apôtres’ (avec une majuscule). Du point de vue de l’histoire, on peut penser, avec A. Lemaire et après W. Schmitals, que ce sens faible du mot est le plus ancien et dénote l’origine antiochienne du titre”: J. DUPONT, *Nouvelles études* ..., *Op. cit.*, p. 142, nota 27.

⁵⁷ R.E. BROWN, *Sacerdote e bispo...*, *Op. cit.*, p. 54.

⁵⁸ J. DUPONT, *Nouvelles études* ..., *Op. cit.*, p. 185.

as de que os Doze agissem fora de Jerusalém ⁵⁹; 2º) os Doze também não foram “*epískopos*” (e muito menos bispos), nem há provas nos Atos de que cada um deles presidisse uma Igreja local, motivo pelos quais os exegetas geralmente hesitam em admitir que os bispos sejam sucessores *desses* apóstolos: o apostolado dos Doze e o presbiterado-episcopado eram, na verdade, funções diferentes que, pelo menos durante um certo período, existiram simultaneamente; 3º) aos que pensam que a sucessão se deu em termos de transmissão de poderes (sobretudo sacramentais), é mister ponderar que, não obstante as ordens de Jesus de fazer a memória da Ceia (Lc 22,19), de batizar (Mt 28,19) e de perdoar os pecados (Jo 20,23), dirigidas a um público que se limitava aos Doze ou os incluía, não existem provas de que estes “poderes”, com exceção do batismo, tenham sido exercidos pelos Doze, mesmo se o seu exercício seja plausível. A este propósito, é possível argumentar que os “poderes” sacramentais “foram dados à *comunidade cristã* na pessoa dos Doze, e, embora os Doze possam ter batizado, presidido a Eucaristia e perdoado os pecados, a Igreja pode ter concedido a autoridade sacramental a outros que não tenham sido ordenados pelos Doze”. Além do mais, “o Novo Testamento não mostra os Doze impondo as mãos sobre os bispos para torná-los sucessores ou auxiliares na administração dos sacramentos”. Na verdade, “se nos limitamos à idéia da sucessão, devemos afirmar que, de acordo com o Novo Testamento, não podem existir sucessores dos Doze como tais (não se trata de uma idéia tão radical como pode parecer inicialmente, posto que a teologia cristã sempre pensou que certos aspectos da função apostólica não podem ser transferidos)”⁶⁰.

Na verdade, é preciso distinguir o que é “transmissível” e o que é “intransmissível” na função dos Doze: “Com efeito, além da constituição da doutrina (*kérygma* e *didachê*) (cf. At 1,21-22; 10,39-42; 2,32;

⁵⁹ R.E. BROWN, *Sacerdote e bispo ...*, Op. cit., p. 55: também não se pode dar crédito às tradições posteriores “que mostram os Doze espalhados pelos quatro cantos da terra; em parte, estas tradições foram originadas por vaidade regional, sendo que se tornou moda em toda a Igreja defender a sua antigüidade e a sua origem apostólica. Somente para dois dos Doze há evidências de um ministério de longo alcance. A prova de que Pedro esteve em Roma é sólida, e a prova de que João, filho de Zebedeu, foi para a Ásia Menor e Éfeso merece consideração”. Na verdade, nos primeiros tempos da Igreja cristã, encontramos Pedro (e João) realizando uma missão na Samaria (cf. At 8,14-25) e, em seguida, “numa de suas viagens” (certamente missionárias), no âmbito de cidades prevalentemente judaicas, como Lida e Jope (cf. At 9,32-43); graças a uma intervenção extraordinária do Espírito e um estranho êxtase (cf. At 10,10), entrou numa cidade semipagã, Cesaréia, na casa de um pagão, ‘temente a Deus’ (= prosélito), Cornélio, atraindo sobre si a censura do grupo da “circuncisão” (cf. At 11,2ss.). O papel de Pedro como apóstolo/missionário – bem como sua função mediadora entre ‘universalistas’ (como ele) e ‘judaizantes’ – não pode ser de modo algum subestimada: P.-I. FRANSEN, “Pierre qui passait partout...”, in P. GEOLTRAIN (ed.), *Aux origines du christianisme*, Paris, 2000, p. 251-255; cf. É. TROCMÉ, “Pierre à Césarée Maritime”, in *Ibidem*, pp. 256-263; F. BROSSIER, “Corneille, le premier païen converti”, in *Ibidem*, pp. 264-268.

⁶⁰ R.E. BROWN, *Sacerdote e bispo ...*, Op. cit., p. 58.

3,15; 4,33; 5,32; 13,31; 22,15; Jo 15,27; Lc 1,1), que é o papel fundamental entregue à função dos apóstolos enquanto testemunhas, essa função implica o encargo de interpretar autenticamente as Escrituras (At 2,17; 2,25s.; 2,34s.; 3,22s.; 4,11s. etc.), um encargo missionário e querigmático (At 2,14; 2,22-24.32.33.36; 3,12s.; 4,8s.; 1Cor 15,1s. etc.), um encargo educativo e didático como a formação à vida comunitária (At 2,42), um encargo batismal (Mt 28,19) e cultural (Lc 22,19; 1Cor 10,23-26), finalmente um encargo de governo comunitário, de organização, de direção, de disciplina (At 5,1-11; 4,32.34.35; 2,44; 6,1s.; cf. 1Cor 6,1s.; 2 Cor 8). Ora, se o fato de ter visto o Senhor, de ser sua testemunha, e por conseguinte a função constitutiva da doutrina *é de per se intransmissível*, o encargo apostólico de interpretação das Escrituras, o encargo missionário e querigmático, educativo e didático, batismal e cultural, de governo comunitário, de organização, de direção, de disciplina, que acompanha o fato e a função das testemunhas, *não é de per se intransmissível*⁶¹.

4.2.2. Presbíteros para os judeus e para os helenistas (os "Sete")

Mas, em Jerusalém, os Doze não são os únicos responsáveis. A nova comunidade se desenvolveu rapidamente ao mesmo tempo entre os judeus da Palestina e entre os judeus da Diáspora. Ela se organizou sem dúvida muito cedo⁶² segundo o modelo das comunidades

⁶¹ J. COLSON, "L'organisation ..., *Op. cit.*, p. 57.

⁶² É impossível datar quando a Igreja de Jerusalém dotou-se de "presbíteros", mas há indícios de que isto tenha ocorrido relativamente cedo. Aliás, é bom lembrar que, por exemplo, E. SCHWEITZER: *La comunità e il suo ordinamento nel Nuovo Testamento*, Torino, 1971, p. 228, nota 682 e J. DUPONT: *Il discorso di Mileto, Atti 20,18-36*, Roma, 1980, 2ª ed., consideram a possibilidade de que, na tradição anterior a Lucas, os Sete tenham sido presbíteros. Na verdade, embora Lucas só comece a mencionar explicitamente a presença de presbíteros na Igreja de Jerusalém a partir de At 11,30, é muito provável que este modelo de organização ministerial fosse mais antigo: "Leurs fonctions, pour autant qu'on peut préciser, sont assez semblables à celles des 'Sept' institués par les Apôtres au chapitre 6. Ce qui tendrait à suggérer que, dès le début de la communauté chrétienne à Jérusalem, il y eut un collège d'Anciens au nombre de 7, selon le chiffre traditionnel dans les presbyteriums des synagogues juives (cf. W. MICHAËLIS, *op. cit.*, pp. 18ss). Ce premier collège presbytéral de l'Eglise toute primitive était, et pour cause, composé exclusivement d'Hébreux. L'Eglise peu à peu ayant accueilli en son sein des Hellénistes en nombre suffisant pour que des tiraillements s'ensuivent, par suite du choc des mentalités différentes, les 'Sept' institués par les Apôtres au chapitre 6, constituèrent un nouveau collège *presbytéral* pour les membres de la communauté chrétienne d'origine 'helléniste'. Lorsque les Hellénistes durent quitter Jérusalem, chassés par la persécution provoquée par la prédication d'Étienne, il ne restera que le collège primitif des 7 'Hébreux', qu'on retrouverait sous le nom d'Anciens, sans que le nombre en soit indiqué, dans la suite du Livre des Actes. J. COLSON, *Les fonctions ecclésiales aux deux premiers siècles*, Paris: Desclée De Brouwer, 1956, p. 96. Depois da perseguição dos helenistas, a comunidade cristã, em Jerusalém, é essencialmente constituída por "hebreus", e – se já não fosse organizada assim desde os primórdios – se organiza inspirada no modelo tradicional das comunidades judaicas: além de contar com profetas (cf. At 11,27), essa comunidade é presidida por "presbíteros" (anciãos) (cf. At 11,29-30; 15,2.4.6. etc.; 16,4; 21,18). Também as comunidades judeu-cristãs da Cilícia e do sul da Ásia Menor seguem este modelo (cf. At 14,23; 15,22).

sinagogais judaicas, instituindo alguns "Anciãos" à sua frente⁶³. O nome de Barsabbas é talvez o maior testemunho do uso precoce deste título de "Ancião" na comunidade de Jerusalém de língua aramaica.

O desenvolvimento da nova comunidade tornou necessário muito cedo uma organização diferente para cada um dos grupos lingüísticos, e os Helenistas⁶⁴ estabeleceram um grupo de "Sete" à sua frente⁶⁵. Considerando que os sete nomes são todos gregos (nomes gregos eram usados também por hebreus palestineses), que, embora tenham sido instituídos para o serviço assistencial, de fato serão descritos como evangelizadores (cf. 8,4.5-40; 11,19-21; 21,8-10), e que, estranhamente, a perseguição que se abateu sobre os helenistas tenha feito fugir "todos, menos os apóstolos" (At 8,1), "reforça-se a impressão de que os 'sete' fossem (senão desde o início, pelo menos depois de fato) não simplesmente encarregados dos serviços assistenciais para a inteira comunidade [hebreus e helenistas], mas responsáveis somente da componente grecofona, mas de todo o conjunto da sua vida. Poderia ser uma confirmação disso a narração da multiplicação dos pães com o número de doze cestos para os cinco mil (cf. At 4,4), sete cestos para os quatro mil (cf. Mc 6,43s; 8,8s.19s), que talvez deva ser entendido simbolicamente em referência à primeira comunidade"⁶⁶.

A pregação dos ministros helenistas provocou uma viva oposição, que se transformou logo em perseguição. Seu líder, Estêvão, foi apedregado e o grupo se dispersou dirigindo a partir de então sua pregação aos grupos judaicos marginais da Palestina: os samaritanos, os habitantes da

⁶³ "I corrispondenti responsabili della comunità giudeo-cristiana di lingua aramaica verranno chiamati poco dopo negli Atti 'presbiteri' e avranno come animatore Giacomo 'fratello di Gesù'. Possiamo dire che i sette avevano una 'missione simile nella comunità di lingua greca: più a livello 'episcopale-presbiterale' che 'diaconale' nel senso posteriore o moderno": G. LEONARDI, "Varietà di ministeri nelle comunità cristiane del primo secolo", in L. SARTORI (org.), *I ministeri ecclesiali oggi: Problemi e prospettive*, Roma, 1977, p. 95.

J. DUPONT, *Nouvelles études ...*, Op. cit., p. 158: "L'existence d'un tel collègue [de presbiteros] à la tête d'une communauté qui reste profondément juive est hautement vraisemblable au point de vue de l'histoire, ainsi H. Greeven, "Propheten, Lehrer, Vostehar bei Paulus. Zur Frage der 'Aemter' im Urchristentum", *Zeitschr. für die neutestl. Wiss.*, 44 (1952-1953) 1-43 (40s.); R. Schnackenburg, *Lukas als Zeuge*, p. 234".

⁶⁴ V. FUSCO, *Le prime comunità cristiane...*, Op. cit., p. 200: "Un primo ridimensionamento delle ipotesi tubinghiane e religioniste è già avvenuto col chiarimento del termine stesso 'ellenisti', che in passato venne inteso a volte come sinonimo di giudei 'ellenizzati', che vivevano alla maniera dei pagani, o addirittura di veri e propri gentili. Oggi sembra assodato, come già aveva inteso il Crisostomo poi l'umanista Giuseppe Giusto Scaligero) che il termine indica una caratteristica linguistica: si tratta di giudei 'grecofoni', che hanno come lingua corrente il greco. La storia e l'archeologia ne hanno confermato abbondantemente la presenza a Gerusalemme".

⁶⁵ Cf. A. LEMAIRE, *Les ministères aux origines ...*, Op. cit., p. 194. G. LEONARDI, "Varietà di ministeri ...", Op. cit., p. 95: "Perché sette? Sembra ad analogia con le comunità locali ebraiche che erano allora presiedute da sette "presbiteri" o "anziani" (ebr.: *zeqenim*), che avevano anche funzioni direttive e giudiziarie" (cf. também p. 98).

⁶⁶ V. FUSCO, *Le prime comunità cristiane ...*, Op. cit., p. 201

costa mediterrânea e, provavelmente, Damasco. Alguns voltaram a seu país de origem, e um grupo particularmente dinâmico se instalou em Antioquia. Diante desta dispersão, os Doze esforçaram-se por manter a unidade entre as diversas comunidades: Pedro e João visitaram a Samaria, depois Pedro se instalou por um certo período no litoral⁶⁷.

O dinamismo da nova comunidade manifestou-se também pelo engajamento definitivo de alguns de seus membros no serviço da pregação, vendendo seus bens; estes podiam então ser chamados “profetas” ou “filhos da profecia” como Barnabé (cf. At 4,36-37).

Seja como for, os Atos nos informam que, uns quinze anos depois de Pentecostes, ao lado dos *apóstolos* e em torno de Tiago, o “irmão do Senhor”, i. é, consangüíneo de Jesus, que parece não ser um dos Doze, mas um discípulo que assumiu uma posição de clara liderança entre os judeu-cristãos de língua aramaica, existiam em Jerusalém *presbíteros*. Estes não têm só um papel *administrativo-caritativo* (p. ex., receber a coleta recolhida por Paulo e Barnabé para a Igreja pobre de Jerusalém) (11,30), mas, no Concílio de Jerusalém (15,2.4.6.22; 16,4), desempenham também papéis *doutriniais-pastorais-disciplinares* junto com os apóstolos com os quais aparecem sempre ligados. Com efeito, decidem junto com eles, e com *a consonância de toda a comunidade* (cf. 15,22), a não-obrigatoriedade da Lei para os convertidos do paganismo e fixam algumas cláusulas para a convivência fraterna entre hebreus e pagãos convertidos: “apóstolos e presbíteros aparecem voltados para a procura comum e ordenada de uma verdade que transcende todos e que todos devem servir”⁶⁸. Também uns dez anos mais tarde, em 58, Paulo e Lucas dirigem-se a Jerusalém para falar com *Tiago*, em torno do qual se reúnem todos os *presbíteros* (21,8), para ouvir o relatório de Paulo sobre sua atividade entre os gentios (21,17-20).

(Continua)

Antonio José de Almeida — Obteve o título de mestre em Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, em 1984, e de doutor em Teologia pela mesma Universidade em 1986, com a tese *Os ministérios não-ordenados na Igreja da América Latina*. É pároco da Catedral de Apucarana — PR, Diretor da Escola de Teologia “Padre Tito Cerasolli” e Professor de Teologia no Centro Interdiocesano de Teologia de Cascavel, PR. Entre outras obras publicou *Os ministérios não-ordenados na Igreja latino-americana*, Loyola: São Paulo, 1989 e *Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina*, Loyola: São Paulo, 1989.

Endereço: Catedral Nossa Senhora de Lourdes
Praça Rui Barbosa, s/n
86.800-970 Apucarana — PR
e-mail: catedral@net21.com.br

⁶⁷ Segundo Lemaire, “é sem dúvida graças a estas “missões” que os Doze devem ter recebido, mais tarde, o título de ‘apóstolos’”: A. LEMAIRE, *Les ministères aux origines* ..., *Op. cit.*, p. 194.

⁶⁸ G. LEONARDI, “Varietà di ministeri ...”, *Op. cit.*, p. 97.